Uma reflexão sobre as características e capacidades dos mais velhos da família

Uma das atividades mais gratificantes desta terceira fase da minha vida tem sido o estudo das características e capacidades dos mais velhos, através de uma ligação íntima com esses membros notáveis da Comunidade Humana. Tenho beneficiado da sua sabedoria e, mais ainda, de conhecer a bênção de observar as suas vidas ao serviço das suas comunidades. É o seu serviço que assegura a regeneração constante dessas sociedades humanas, através dos dons de esperança, sabedoria e resiliência dos seus mais velhos.

Escrevi este texto na esperança de que, ao descrever as características e traços dos mais velhos de uma família, possam imaginar quem desempenha esse papel na vossa família e quais dessas características refletem.

A história e a pré-história da humanidade registam os papéis fundamentais que os anciãos têm desempenhado na continuidade das sociedades humanas. Todas as culturas bem-sucedidas refletem a posição desses indivíduos, enquanto muitas, à medida que se deterioram, refletem a falta dela. Então, o que é que a minha investigação, a minha experiência e a minha observação dos verdadeiros anciãos me proporcionaram?[1]

---

1 Muitos leitores poderão querer saber como é que os mais velhos prestam serviço nas suas famílias e comunidades. O que fazem eles? Oferecem a estas sociedades, através do seu cuidado diário com o bem-estar das comunidades, os meios para fazer as adaptações aos seus modos de vida e a sua tomada de decisões sobre como chegar à quinta geração em condições prósperas e, depois, ajudá-las a prosperar por muitas gerações a seguir. Oferecem um serviço que é, acima de tudo, compassivo, assente no questionamento, na escuta e na humildade. Estas qualidades, em conjunto, representam as mãos experientes e prestáveis da anciã que segura a sua comunidade nas mãos para que esta possa evoluir e sobreviver em segurança. No meu livro, «Família: o Pacto entre Gerações», no Capítulo 9, páginas 107–113, e no Capítulo 12, páginas 139–141, abordo esta questão do que os anciãos fazem. Na página 107, enumero «As Quatro
Autoridades» que as tribos concedem aos seus anciãos. São elas, e cito: «(a) A autoridade para mediar disputas dentro da tribo, para que todos os membros se sintam ouvidos. Nenhuma resolução de uma disputa deve fazer com que uns se sintam vencedores e outros perdedores, o que destrói o tecido social da tribo; (b) A autoridade para aconselhar toda a tribo quando esta não estiver a seguir as regras de tomada de decisão que a tribo adotou. Os anciãos nunca procuram estabelecer essas regras por si próprios; (c) A autoridade para contar as histórias da tribo; (d) A autoridade para manter e implementar práticas destinadas a dar continuidade aos rituais da tribo e às cerimónias que os comemoram. Estes rituais marcam as transições mais importantes da tribo: as crianças que se tornam adultas, novos membros por afinidade que entram na tribo, principalmente através do casamento ou de uniões de facto, membros da tribo que alcançam o estatuto de ancião, a morte de
e a eleição de novos chefes para a paz e a guerra.»

A natureza da experiência humana ao longo dos 200 000 anos de existência da nossa espécie tem consistido em evoluir através de uma série de três fases principais da vida. A primeira fase: a infância e a adolescência; a segunda fase: a idade adulta, como chefe de família, pai ou mãe, e como alguém que encontra e se dedica à sua vocação; a terceira fase: a busca do espírito, do ser, e não do fazer, da retribuição, do altruísmo e da generatividade. Quase todos os idosos que conheço passaram por este processo de evolução e são definidos pelas suas vidas nesta terceira fase.

No entanto, há exceções! É verdade que a idade traz frequentemente sabedoria através da experiência; no entanto, nem sempre é assim. Os tempos atuais sugerem que a nossa população dominante, os «Baby Boomers», não está a evoluir para a terceira idade à medida que atinge os 60 anos. Em vez disso, continuam a exibir o mesmo narcisismo e egocentrismo que os caracterizou ao longo do seu domínio enquanto coorte populacional. A idade não parece estar a conduzir ao amadurecimento de um estado de ser altruísta; o estado de ser que leva a tornar-se um idoso autêntico. Sem dúvida que a minha afirmação suscitará contestações e exceções, e eu aceito-as de bom grado.

Também observei algumas pessoas bastante jovens que são profundamente sábias e atuam como idosos nas suas comunidades. Muitas vezes, os verdadeiros anciãos procuram os jovens para lhes oferecer orientação especial. Estes anciãos sabem que serão os jovens que, com o tempo, ocuparão os seus lugares no mundo mais vasto da liderança nas suas comunidades. Este processo de identificação e orientação é característico dos verdadeiros anciãos e tem sido praticado em todas as sociedades bem-sucedidas. Portanto, sim, há exceções à regra de que apenas indivíduos iluminados na sua terceira fase da vida são anciãos; no entanto, são apenas isso: exceções!

Então, quais poderão ser as características de um ancião da família? Embora esteja aqui a escrever sobre os anciãos da família, penso que estas características se aplicam a todos os anciãos. Ocorreu-me que uma série de palavras que começam por «disc» parecia ser a que melhor se adequava. As palavras que me vieram à mente foram discernimento, discreto, discrição, disciplina e descoberta, e os seus sentidos ativos: ser perspicaz, ser discreto, exercer discrição, ser disciplinado e descobrir. Que estranho que estas cinco formas excecionais de ser comecem todas pelas mesmas letras e, portanto, pelo mesmo som. O que é que estas cinco características denotam num ancião?

DISCERNIAMENTO/SER DISCERNINTE

Uma anciã carrega dentro de si [2] a capacidade de descobrir onde reside a verdade mais ampla sobre qualquer questão que enfrente na sua comunidade familiar, [3] e não simplesmente o que os factos sugerem. Ela consegue fazê-lo porque parte da sua jornada de vida tem consistido em aprender a descobrir e a definir. Ela utiliza este processo aprendido para ajudar os outros a desvendar o seu próprio caminho. Ela encontra a sua verdade ao analisar todos os factos possíveis do problema para encontrar o seu cerne, a sua raiz. Questiona constantemente as suas conclusões. Por um lado, objetivamente, pergunta: «Os factos conduzem a uma resposta clara e inequívoca?»; por outro lado, subjetivamente, pergunta: «A minha intuição afasta-me da realidade ou aproxima-me dela?». Ao discernir a verdade de uma questão, constrói então, através de uma análise das discrepâncias dentro da sua comunidade que deram origem à questão, o caminho para a comunidade responder a essa questão. A sua sugestão será uma à qual a comunidade se possa adaptar, graças à sua capacidade de resiliência. Uma resposta que a comunidade pensante possa integrar; uma resposta que fortaleça a comunidade e não a comprometa, prejudicando-a. Desta forma, ela discerne a profundidade e a complexidade da questão que o problema coloca e os melhores meios para que a comunidade que o gerou o resolva. Ela está a praticar o discernimento.

---

2 Optei por utilizar o género feminino neste ensaio. Fi-lo por acreditar que os caminhos espirituais dos persas, gregos, romanos, do judaísmo e do budismo consideram, com razão, que um espírito feminino maduro exemplifica a sabedoria pura. Estas mesmas tradições consideram que o caminho de um homem maduro exemplifica a compaixão pura. Embora alguns leitores possam achar isto surpreendente, uma vez que a sua tradição sugere o contrário, a minha experiência com verdadeiros anciãos é que, embora sejam profundamente compassivos, são melhor caracterizados como infinitamente sábios. 3 Embora me refira sempre aos anciãos de uma família, vou utilizar aqui a palavra
«comunidade» ao longo do resto deste ensaio. Pretendo que as palavras «família» e «comunidade» sejam intercambiáveis.

DISCREÇÃO/SER DISCRETO

Uma anciã personifica a capacidade de ouvir tudo, ver tudo, sentir tudo, vivenciar tudo e dizer muito pouco ou nada. É a pessoa a quem todos na sua família recorrem para discutir as suas questões mais importantes. Cada um sabe que ela não revelará nada do que lhe for confiado sem autorização explícita. Cada membro da comunidade também sabe, tacitamente, que a anciã utilizará essa informação dentro da rede de ligações que mantém na sua comunidade, inteiramente

conforme julgar adequado para o bem daquele indivíduo e de toda a comunidade. Ser discreta é saber quando é necessária transparência e quando é necessária opacidade para o melhor resultado para todos.

Ela sabe quanta verdade a sua comunidade consegue suportar. A sua forma discreta de comunicar demonstra uma liderança paciente, à medida que realiza o seu trabalho de entrelaçar e fortalecer os fios da sua comunidade. Estas anciãs são as aranhas tecelãs, as fiandeiras e as tecelãs dos fios das nossas vidas, individualmente e em comunidade.

DISCREÇÃO/EXERCÍCIO DA DISCREÇÃO

A anciã reflete constantemente sobre todos os aspetos de uma questão comunitária, depois de ouvir todas as pessoas cuja opinião tem relevância para o assunto. Ela leva muito a sério a possibilidade de poder estar errada. Como árbitra final das questões mais importantes da sua comunidade, ela sabe que a sua autoridade contém em si as sementes da saúde duradoura da comunidade ou do seu declínio. Ela também reconhece que é a depositária da sabedoria de dezenas de anciãs da sua linhagem ou, no caso de algumas comunidades existentes, até de dezenas de gerações. Ela sabe que cada decisão que tomar será honrada sete gerações a partir de hoje, tal como ela honra aquelas de sete gerações atrás que tornaram possível o seu papel atual. Sente também que nenhuma decisão terá tanta importância como manter e reafirmar o processo de tomada de decisões que a sua linhagem construiu ao longo da história da sua comunidade. Por isso, é paciente; é prudente e é cautelosa e deliberada na sua tomada de decisões. Ouve todos aqueles que têm uma opinião e, em seguida, ouve novamente aqueles cujas opiniões ela aprendeu a conhecer — através da sua relação ao longo da vida com eles — como possuindo um dom maior de visão sobre o que é melhor para todos, de altruísmo, do que os outros.

Por fim, ela pedirá aos seus antepassados a sua sabedoria sobre os assuntos que tem diante de si. Desta forma, ela exerce a discrição que é a sua marca distintiva. A sua capacidade de reflexão e a sua prudência, que definem a sua capacidade de discrição, são a razão pela qual a sua comunidade lhe pediu, num ritual formal milenar, solenizado por cerimónia, para ser a sua anciã, e depois a consagrou como tal.

DISCIPLINA/SER DISCIPLINADO

Os seres humanos ressentem-se frequentemente de serem disciplinados, sem perceberem que, sem uma regulação consistente dos nossos pensamentos e comportamentos, continuamos a ser infantis. Uma característica de uma anciã é que o seu comportamento em todas as áreas da vida é definido por regras interiores,
constância, coerência, perseverança, tolerância e humor. É a virtude da prudência da anciã, temperada pela moderação, que permite que os outros tenham confiança nela. A anciã cultiva estes comportamentos ao longo da sua vida, o que lhe permite adaptar-se serenamente a cada situação com que se depara, com aplomb, equanimidade e dignidade. Nesta forma de ser, ela é a disciplina personificada; ela está a ser disciplinada.

DESCOBERTA/A ARTE DE DESCOBRIR

A anciã demonstra esta característica através da sua capacidade intuitiva de observar, avaliar e desenvolver os sistemas complexos que compõem a sua tribo: sistemas constituídos pelas vidas em evolução (a) de cada membro individual da tribo; (b) de cada família dentro da tribo; (c) de cada clã dentro da tribo; (d) da tribo como um todo; e (e) das relações complexas da tribo com todas as outras tribos que formam essa sociedade. Ela passa os seus dias a observar as vidas de cada um dos membros da sua tribo, procurando descobrir os dons únicos de cada um e, em seguida, promovendo o seu desenvolvimento. Ela sabe que a vida de cada pessoa
contribui de forma positiva para a sobrevivência da tribo. Ela procura descobrir qual será essa contribuição e, depois, ajuda gentilmente esse membro em particular a oferecê-la.
O seu método: questionar, questionar, questionar!! Questionar-se sempre a si própria em primeiro lugar. Estará a distorcer a sua própria verdade? Está a ser sincera consigo mesma sobre o que ouve e observa, ou está a tentar distorcer a verdade para se adequar aos seus desejos, em vez de servir os melhores interesses da tribo e dos seus membros individuais? O que está a aprender sobre si mesma neste processo de descoberta? Está a integrar as suas descobertas sobre si mesma e, em seguida, é capaz de reconhecer que o novo conhecimento de si mesma altera o seu eu objetivo e subjetivo? Será que

deixado de ser uma aprendiz ao longo da vida e, por isso, está a oferecer respostas pré-fabricadas porque o seu amor pela descoberta de si própria e dos outros se extinguiu? Deus nos livre que se tenha tornado uma especialista ao deixar de se questionar a si própria e, assim, tenha deixado de ser uma anciã!!!

Às famílias da tribo, ela oferece uma mediação gentil, muitas vezes temperada com humor, das questões complexas que cada uma enfrenta à medida que evolui. Para os pais jovens, ela é uma matriarca e uma avó maternal sempre presente, nos braços da qual as crianças a chorar podem encontrar a tranquilidade que permite às mães sobrecarregadas um respiro e o tempo para recuperar o equilíbrio. Aos pais de filhos mais velhos, ela oferece sabedoria sobre a sua educação, a sua formação e sobre como dar vida aos seus sonhos. Também oferece uma mediação gentil quando as tensões das vidas individuais dos pais e das suas relações de casal os colocam em risco. Às famílias como um todo, ela oferece mediação para as ajudar com os altos e baixos naturais dos
membros e nas suas transições.

Por fim, como contadora de histórias, ajuda a tribo como um todo a redescobrir constantemente a sua linhagem. Faz-o ajudando-os a pensar e a imaginar na perspetiva da sétima geração, para que possam compreender por que razão o presente é como é e descobrir, nesse presente, o seu rumo para o futuro. Partilha histórias que narram a sua própria jornada pessoal e as dos seus mentores. Oferece histórias sobre a linhagem da comunidade; histórias do seu crescimento, do seu colapso, dos seus heróis e heroínas; histórias do bem e do mal, da abundância e da fome, da criação e da decadência. As histórias falam sempre em parábolas, metáforas e paradoxos. Canta como um pássaro e narra como um orador. Muda a sua persona para oferecer um espetáculo à imaginação dos ouvintes. Com trajes e voz exóticos, ela ajuda aqueles que lutam contra os perigos e ansiedades atuais, contando uma história específica que ilustra as travessias seguras de outros por essas mesmas águas turbulentas. Ela oferece este dom da narrativa para que possam aplicar a sua experiência imaginativa de travessias seguras e, assim, pôr em prática esse comportamento perante as suas dificuldades atuais. Ela desafia os corações e as mentes dos seus ouvintes a conectarem-se com a sua humanidade e com o seu lugar na criação.

Assim, através da descoberta dos caminhos das jornadas individuais pela vida de cada membro da sua tribo, das suas famílias, dos seus clãs e de si própria, utilizando o seu método de perguntas sobre si mesma e sobre os outros, e na qualidade de sua contadora de histórias, ela personifica a característica e a arte da descoberta.

Agora aprendemos como o comportamento da anciã exibe as cinco características do discernimento — ser discreta, discrição, disciplina e descoberta —, como as características que definem e regem as suas ações. A sua forma de ser oferece prova da sua autenticidade e apresenta uma

imagem de sabedoria. Acredito que não seja surpreendente que, quando os nossos antepassados imaginaram a sua deusa da sabedoria — Astarte para os persas, Ísis para os egípcios, Atena para os gregos, Minerva para os romanos, Sofia para os judeus, Tara para os budistas e Maria como a anciã sábia para os cristãos —, estas fossem as características que definiam cada uma delas. Não estariam os nossos antepassados a demonstrar a mesma consciência que demonstramos hoje, no que diz respeito às suas observações dos comportamentos que nos definem como seres humanos e daqueles poucos entre nós que são os nossos mais velhos? As observações dos nossos antepassados sobre as características de um ancião e a sua manifestação nestas mulheres sábias são tão fortes hoje como eram há muito tempo.

Muitos de vós podem estar a perguntar-se: «Como posso saber se alguém é uma anciã?» Não é provável que alguém que reúna estas características seja discreta, evite os holofotes e seja, por natureza, extremamente difícil de descobrir? E que ela própria possa nem saber que é uma anciã, uma vez que uma saudável autodepreciação deve, de alguma forma, ser-lhe inerente, e a modéstia e a humildade constituam um comportamento normativo? Sim, ela é difícil de encontrar, tão rara como os dentes de uma galinha. [4] Então, como é que se pode descobrir uma? A minha perceção atual é que se deve procurar, no seio do sistema da comunidade da vossa própria família, a pessoa cujo convite para uma reunião dessa comunidade todos aceitam assim que o recebem! O dom da comunidade familiar ao seu ancião ou aos seus anciãos é esta AUTORIDADE para convocar.

Comecei a perguntar-me se é por esta autoridade que as reconhecemos. Pense por um minuto em todos os convites que recebe num ano e em quantos poucos aceita. Alguns, claro, aceita por dever, outros por responsabilidade, outros por causa do seu estatuto social, outros por alegria, outros por ganância, a maioria com relutância e com a sensação de que lhe estão a roubar tempo. Quantos aceita imediatamente? Porquê? Porque a minha anciã me convida – nada mais. Vou porque me sentiria desolado se não estivesse presente na sua reunião e, quase certamente, não porque seja conveniente ou socialmente importante, já que provavelmente não o é. Trata-se, antes, de um apelo ao meu coração enquanto membro da sua comunidade, e aceito na qualidade de membro dessa comunidade. Além disso, se eu decidir arrepender-me, não será por ter deixado de ser membro dessa comunidade? Não será porque deixei de ouvir a voz da sua anciã? E, assim, posso ignorá-la tranquilamente? Assim, a anciã manifesta-se através da sua autoridade para convocar, ao chamar os membros da sua comunidade para o diálogo, ao chamá-los para reafirmar e celebrar os seus rituais e cerimónias, ao chamá-los para a mediação e ao chamá-los para a narração das suas histórias, bem como para a reconexão com a sua linhagem e a recitação da mesma.

Sim, conhecemo-la, e talvez de forma mais fácil e visível, quando ela assume os seus papéis formais de autoridade, particularmente como convocadora, tal como lhe é conferido pela sua comunidade familiar. Da mesma forma, teremos sempre, e com razão, dificuldade em identificá-la quando desempenha o seu papel quotidiano de liderança informal e exerce a sua sabedoria através do discernimento, da discrição, da prudência temperada pela disciplina adquirida com a sua experiência, tudo entrelaçado com a sua constante descoberta e reconexão com a sabedoria sempre florescente da sua linhagem, para a manutenção e o florescimento da comunidade humana de afinidade a que serve.

Agora que temos uma ideia das qualidades e características de um ancião da família, espero que a vossa imaginação tenha sido estimulada para que observem quem são os anciãos da vossa família e quais dessas qualidades eles refletem.

© James E. Hughes, Jr., março de 2011

---

4 Um exemplo maravilhoso do papel dos anciãos no mundo é a ideia hassídica dos Tzadics, os Justos. Trata-se de 7 ou 30 indivíduos — já ouvi ambos os números — que estão vivos em qualquer momento e cujas vidas sustentam a humanidade, proporcionando à espécie humana o equilíbrio necessário para a sua sobrevivência. Estes indivíduos justos não conhecem a capacidade de intercessão justa; nunca vistos, nunca ouvidos, nunca sentidos e reverenciados há mil anos.